

## CONTRADIZER(ES)

Em Outubro 1997, no Vol. 1, Número 1 da Pensar Enfermagem referi-me, de passagem (infelizmente com erros de impressão) ao livro de José Cardoso Pires *De profundis, valsa lenta*. Nessa altura interessava-me, sobretudo, compreender o que Cardoso Pires nos dizia da sua experiência de relação com os/as enfermeiros/as que lhe tinham prestado cuidados enquanto esteve hospitalizado no Hospital de Santa Maria. O livro é apaixonante embora, não tenha encontrado, exactamente o que procurava! Razão porque lhe escrevi uma carta que, com grande pena minha, nunca teve resposta... Cardoso Pires morreu um ano depois, em Outubro de 1998. Nos 10 anos da sua morte, várias efemérides assinalaram, a data e, *De profundis, valsa lenta* volta a ser invocado como um texto extraordinário, tanto por António Mega Ferreira, que organizou a homenagem no Centro Cultural de Belém; como por João Lobo Antunes que aí fez uma interessantíssima palestra: *Memória e autoficção* em 26 de Outubro de 2008, aniversário da morte do escritor.

Estes factos trouxeram-me à memória a importância que este livro teve para mim. Li-o mais de uma vez e ri e chorei durante a leitura, levei-o para as aulas e tentei entusiasmar os estudantes a lê-lo, sei que alguns o fizeram, usei excertos do texto, mais de uma vez, nas aulas. Assim, não resisti a associar-me à lembrança de alguém com quem podemos aprender sobre “o outro lado” dos cuidados de enfermagem. Ou seja, sem recorrer a questionários mais ou menos estereotipados sobre o que sentem, pensam, desejam os utentes dos cuidados de saúde, *De profundis, valsa lenta* é uma espécie de manual recheado de mensagens sobre o “ponto de vista” do doente sobre a sua condição de pessoa que sofreu um acidente vascular cerebral. Segundo o Professor Lobo Antunes trata-se de (...) ciência (...) e da mais fina que ele se absteve de corrigir para não lhe estragar o paladar (p.8). Aliás, a Carta a um amigo novo, que constitui o prefácio, da autoria de Lobo Antunes é, ela também, uma lição e uma recomendação sobre o interesse do texto para a aprendizagem dos profissionais de saúde.

A descrição de José Cardoso Pires daquilo que lhe aconteceu e de como se relacionou com esse “Outro eu” durante a sua doença, a forma como percecionou os que dele cuidavam, os instrumentos de avaliação que usavam (testes) e o próprio ambiente hospitalar (físico e os outros doentes) formam um conjunto de autêntica antologia.

Alguns exemplos que não resisto a partilhar: Assim, ao ver o meu Outro eu a pentear-se com uma escova de dentes num quarto de hospital (conforme me contaram depois) pergunto-me quantas vezes lhe aconteceu aquilo e logo de instante vejo uma enfermeira a aparecer-lhe por trás e a trocar-lhe a escova pelo pente, sem um comentário, sem uma palavra sequer, pura e simplesmente na prática de quem executa uma rotina. Sempre este jogo? pergunto.

Talvez. É possível que a aceitação apática do erro se devesse à sua incapacidade mnemónica de relacionar e portanto de questionar. Possível (p.25 e 26).

Esta ideia de rotina! Numa situação tão especial e única porque daquele doente e não de outro, porque será que a justificação, para o procedimento, que ocorre mais tarde ao escritor é: execução de uma rotina?!

Mais adiante, a propósito dos testes a que foi sujeito afirma: eram um estendal de desperdícios mais que vistos e sabidos, aqueles testes. Um jogo de faz-de-conta frustrado logo à partida, pensaria ele naquela altura e quem sabe se não sorria tristemente por dentro. No fundo, essa atitude não mais que a costumada desconfiança do doente em terreno de risco e de valores desconhecidos, a sempre prevenção contra a subestima ou a humilhação ao julgar-se avaliado por um teste primaríssimo em que colaborava, que remédio, com uma complacência resignada e até com uma sombra de ironia (p.33).

Quantas vezes nos ocorre que estamos a infantilizar os doentes que cuidamos? Damo-nos conta? Como minoramos os efeitos da eventual necessidade de recorrer a perguntas que se podem afigurar como ridículas?

Mais adiante (p.51) o ambiente nocturno do hospital de que tantos doentes se queixam, que não lhes permite o necessário descanso. Nessa noite fui acordar com um desfilar de vozes femininas na escuridão do corredor. Enfermeiras? Cantavam “Forever” (uma canção que eu conhecera há muitos anos) como se viessem no rescaldo duma festa para entrarem no turno de serviço, pensei eu. Era uma procissão nocturna murmurada em inglês, um quase ritual que me fazia duvidar da minha recuperação.

Podemos sempre dizer que a alegria, no ambiente hospitalar é muito importante, mas...o profissionalismo impõe que se adequem o comportamento às circunstâncias. Mesmo que por mera distração, será que nos damos conta do impacto negativo que o comportamento desadequado pode ter no estado dos doentes?

E, por último, já em fase de recuperação com a sua capacidade de análise e de crítica em pleno, faz esta descrição: Nisto entrou uma enfermeira que se pôs às voltas pelo quarto, o termómetro, onde estava o termómetro, perguntava ela, nenhum dos senhores viu o termómetro? Martinho levantou um dos auscultadores: “O termómetro? Deve andar por aí”. E o construtor Ramires, de olhos fechados: “Se calhar derreteu-se com a febre” (p.56). E a cena continua...

Que bom era que muitos mais doentes escrevessem sobre as suas experiências. Seria uma grande “Escola” para nós (como é o caso de *Coração independente* de Pedro Serrano). Assim, a minha intenção não é mais do que partilhar o gosto da leitura de um autor de excepção e que nos fornece tão interessante matéria de reflexão.

Obrigada José Cardoso Pires.

Carcavelos, 03 de Novembro de 2008

Lisete Fradique Ribeiro. Enfermeira. Mestre em Ciências de Educação

Contacto: lf.fradique@sapo.pt